

# AÇÕES COLETIVAS

A mostra *Panorama*, no MAM-SP, mostra a força de grupos e organizações independentes, na contracorrente do sistema das artes. POR JULIANA MONACHESI

**U**MA ARTISTA MANDA CONFECionar um baralho composto apenas de cartas de copas. Sem números ou letras, apenas os corações vermelhos e imagens de rei, rainha e valete. E monta um imenso castelo de cartas em uma sala quadrada no alto de uma torre. Trata-se de uma exposição de arte no espaço independente conhecido como "Torreão", em Porto Alegre.

A artista, Glaucis de Moraes, sabe que qualquer vento ou passo brusco de um visitante pode pôr sua obra abaixo e, por isso, volta diariamente à exposição para reconstruir o castelo quantas vezes forem necessárias.

O trabalho poderia ser exibido em um museu ou uma galeria qualquer, mas ali ganha um significado extra, o da relação afetiva dos artistas com esse lugar chamado Torreão. Criado em 1993 pelos artistas Jailton Moreira e Élide Tessler para servir de ateliê e escola de artes, teve desde o início a sala para intervenções (obras concebidas especificamente para o local). Hoje, o Torreão já conta 48 exposições realizadas.

**O fim da década** de 90 testemunhou o surgimento de várias novas organizações independentes geridas por artistas: *Linha Imaginária*, *Alpendre*, *Agora/Capacete*, *Ateliê Aberto*; além de inúmeras exposições realizadas em espaços não-convencionais como casas habitadas, casas abandonadas, terrenos vazios. Para citar iniciativas recentes, houve as mostras *Orlândia*, no Rio de Janeiro, e *10 de Abril*, em São Paulo, que reuniram em média 30 artistas cada.

Outro fenômeno da nova onda de coletivização nas artes visuais brasileiras é o pipocar de grupos de artistas produzindo conjuntamente, como *Camelo*, *Clube da Lata*, *Chelipa Ferro*, *Subterrânea*, *COMfluência*. Os sintomas indicam que os artistas, até uma década atrás confinados em seus ateliês, decidiram criar novas formas de atuação e chamar para si funções desempenhadas por curadores, museus, centros culturais e galerias.



O Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), tendo detectado essa movimentação, decidiu tematizá-la em sua exposição mais importante, o *Panorama MAM de Arte Brasileira*.

"Os artistas sempre procuraram se organizar, mas existem diferenças nas iniciativas dos últimos anos. Elas não são reencarnações de coisas que aconteceram no início do século", afirma o artista e curador Ricardo Basbaum, um dos diretores do espaço *Agora/Capacete*, no Rio. "As organizações independentes são um fenômeno pós-arte conceitual, no sentido de que têm plena consciência do sistema de arte. O artista hoje sabe que ele não é apenas quem faz o trabalho, mas é também quem cuida do trânsito do trabalho", diz.

**O Agência de Organismos Artísticos** (*Agora*) surgiu em 1999 e associou-se ao *Capacete Entretenimentos*, projeto de curadoria do artista Helmut Batista, para agenciar exposições de arte de modo diverso do modelo institucional vigente, apostando na atuação direta do artista convidado no espaço, sem intermediações, ou na produção de projetos de intervenção urbana. Desde 2000, o grupo possui uma sede no bairro carioca da Lapa, on-

**MÁSCARA DE BELEZA.** Na performance *Pancake*, a artista Márcia X despeja latas de leite Moça no corpo e depois confeitos

**ESSES GRUPOS NÃO SÃO REENCARNAÇÕES DO SÉCULO PASSADO, MAS UM FENÔMENO CONTEMPORÂNEO. O ARTISTA HOJE SABE QUE NÃO APENAS FAZ O TRABALHO COMO TAMBÉM CUIDA DO TRÂNSITO DELE, DIZ O CURADOR**

de ocorrem mostras, palestras e cursos.

"Os artistas hoje têm consciência do circuito e não têm vontade de se excluir, ficar à margem sendo alternativos", diz Basbaum. "Eles estão interessados em fazer conexões e ao mesmo tempo operar um outro modo de funcionamento que os museus não podem mais, devido à burocracia institucional."

Um dos curadores do *Panorama* do MAM deste ano, junto com Ricardo Resende e Paulo Reis, Basbaum ajudou a conceber a exposição de modo a discutir o sistema das artes hoje. O trabalho de Eduardo Aquino e Karen Shanski dá o tom da mostra.

A dupla realizou cem maquetes de uma casa cuja arquitetura integrava o modernismo de Le Corbusier com a estética das favelas cariocas. Tratava-se de uma escultura produzida como múltiplo para ser ofertada às cem pessoas mais ricas do Rio de Janeiro a um preço acessível, para que o dinheiro fosse revertido para a ONG Viva Rio, que estava trabalhando na reurbanização de um parque na favela de Chapéu Mangueira.

Os artistas enviaram cem cartas aos potenciais compradores e não receberam resposta alguma. Expuseram então as cem maquetes sobre cem barracas de camelô no Galpão das Artes, no Rio, forrando as paredes do local com as cem cartas ignoradas. Por limitações de espaço, a instalação não pôde ser remontada no MAM de São Paulo, daí constarem na exposição apenas registros fotográficos da obra e, no livro do *Panorama*.

Neste livro, que é independente do catálogo da exposição, estão reunidos ensaios fotográficos e intervenções gráficas concebidas para este suporte. Trata-se de uma extensão da mostra, em que foram colocadas participações de convidados que não poderiam ser formatadas no espaço expositivo, como a de organizações.

**As organizações** convidadas pelo *Panorama* são o Alpendre, espaço multidisciplinar de Fortaleza, o Torreão, o Agora/Capacete e o Linha Imaginária, projeto que realiza exposições independentes e reúne atualmente 470 artistas de todo o Brasil. A atuação do Linha, coordenado pelos artistas Sidney Philocreon e Mônica Rubinho, de São Paulo, consiste em elaborar propostas

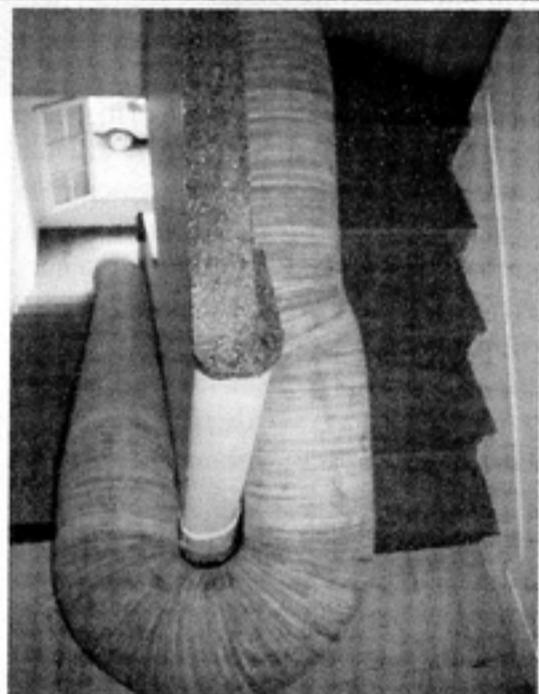


**PESO.** Escultura de 40 metros, feita com arruelas de madeira coladas, do artista cearense Eduardo Frota, criada para o espaço Torreão, em Porto Alegre

de exposição para as instituições já existentes no País, prevendo em cada mostra obras do número de artistas que o espaço comporta. Não há qualquer critério curatorial para a reunião das obras: se há espaço para 11 artistas, expõem os 11 primeiros da lista, na mostra seguinte, os 15 seguintes, etc.

Os grupos de artistas selecionados pelo *Panorama* são o Atrocidades Maravilhosas, do Rio de Janeiro; o Camelo, do Recife; o Clube da Lata, de Porto Alegre; o Mico (grupo anônimo), o Chelpe Ferro, do Rio, e o Artistas Patrocinando Instituições Culturais (APIC!), de Porto Alegre.

O convite ao APIC! é uma atitude ousada do museu, porque ele próprio é alvo da crítica do grupo. Uma reivindicação crescente dos artistas plásticos é a de receber cachê pela participação em exposições, como outros integrantes da classe artística recebem. Não se trata da tradicional "ajuda de custo" que as instituições culturais oferecem, o que em geral não cobre sequer o custo de produção das obras expostas, mas de uma remuneração pelo tempo gasto com a produção, transporte, montagem, etc. Segundo o curador Ricardo Resende, o *Panorama* pagou pas-



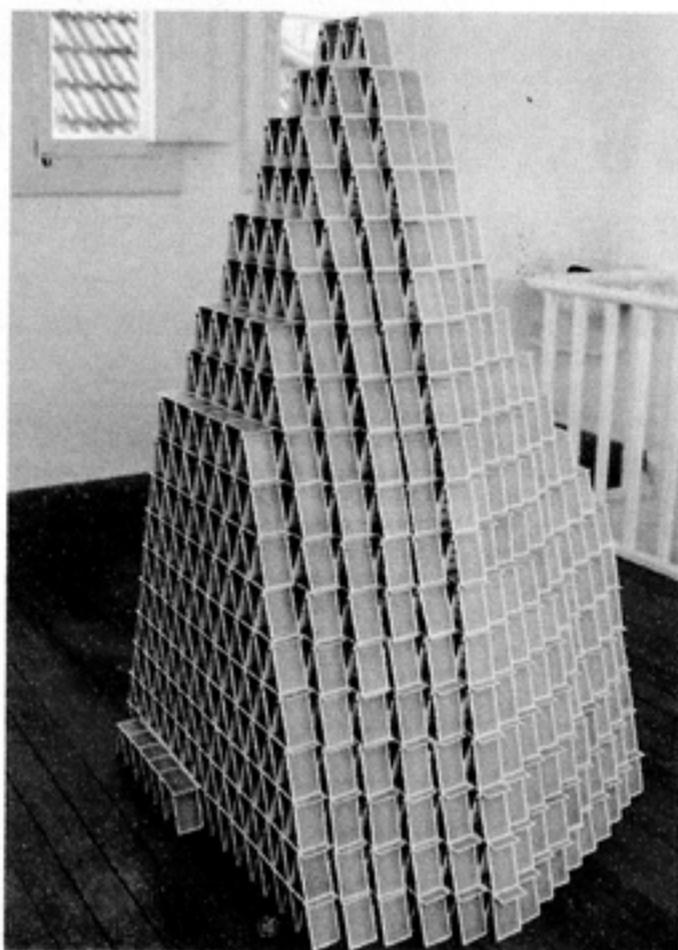
sagem e estada aos artistas cuja montagem do trabalho requeria suas presenças e financiou parte dos custos de produção.

O livro do *Panorama* constitui importante documento histórico, mas registra apenas a ponta do iceberg, pois é da natureza dessas iniciativas a proliferação de modo difuso. No Estado de São Paulo, por exemplo, há dois outros espaços independentes geridos por artistas, com programação periódica de exposições e outros eventos: o Ateliê Aberto, em Campinas, e o Espaço Coringa, em São Paulo. O Ateliê realiza conversas abertas com artistas consagrados e convida artistas para realizar obras específicas para o local, como acontece também no Alpendre e no Torreão, resultando em um período de convivência e aprendizado.

O recém-nascido Espaço Coringa funciona como ateliê de nove artistas desde o início de 2000, sedia exposições de jovens artistas, faz publicações e encontros e está em vias de criar uma cooperativa, para promover eventos em outros espaços. "Estamos interessados no resgate de uma 'consciência de classe', porque não faz parte do trabalho de artista apenas sentar, cortar o papel e desenhar, isso é o filé mignon; faz parte organizar e administrar", afirma Chico Linares, um dos integrantes do grupo.

A simpatia pelas iniciativas independentes tem se espalhado entre os integrantes do circuito artístico. A curadora e crítica de arte Lisette Lagnado, em texto para o site *Trópico*, escreve que o *Agora/Capacete* é um "exemplo contra o atual muro de lamentações. Os paradigmas de produção, recepção e crítica mudaram. Os canais de veiculação de idéias estão em plena atividade, porém obrando em outras margens, sem a culpa da falta de uma política cultural eficiente, sem o ressentimento imposto pela restrição do orçamento pequeno. Testemunha-se a volta de um espírito coletivo e cooperativo, em que o artista viabiliza seu trabalho, deixando de esperar o tão idealizado apoio à produção artística".

Na opinião da artista Márcia X, que também participa do *Panorama* este



**AÇÃO. Concreto**, título da intervenção da artista gaúcha Glaucis de Moraes, na qual o castelo de cartas é permanentemente construído

intitulado "Trabalhos Voluntários", que consiste em imagens e frases sugerindo desde ações relacionadas à arte e à produção do grupo, como "não indicar teores que se apresentem" ou "reproduzir supérfluos", até filantropias dadaístas como "pastorar o tempo perdido" ou "tornar todos de um rosa suave". Entre as fotografias, vê-se uma imagem dos artistas montando uma exposição.

Formado pelos artistas Marcelo Coutinho, Oriana Duarte, Paulo Meira e Ismael Portela, o grupo Camelo existe desde 1996 e funcionou como um grupo de estudos até 2000, quando surgiu o primeiro trabalho coletivo, *O Quarto*, apresentado no Salão de Pernam-

buco daquele ano. Em 2001, o grupo apresentou a instalação *Manilha*, no Paço das Artes, que era composto de um projetor de slides que apresentava 80 imagens muito semelhantes do interior de uma casa abandonada e uma triilha sonora de um texto do filósofo Bachelard musicado como um ritmo tipicamente pernambucano. No *Panorama* deste ano eles levaram o *nonsense* mais longe com a instalação *Lavando a Égua*.

O consenso entre tantas iniciativas é acabar com a choradeira do "nada acontece por aqui". Para Eduardo Frota, um dos artistas que coordenam o Alpendre, em Fortaleza, essa ausência de espaços para ver (e refletir sobre) arte é mais acentuada em cidades do Nordeste.

A necessidade de fazer esse espaço na capital cearense partiu de um grupo de estudos interdisciplinar que tinham. Os nove integrantes alugaram um armazém na região portuária de Iracema, reformaram e adaptaram o espaço para sediar eventos nas áreas de artes plásticas, dança, teatro, literatura, fotografia e vídeo, e abriram as portas. Este ano, a consistência do projeto foi reconhecida pelo programa Petrobrás Artes Visuais. Segundo Frota, o projeto dá certo sobretudo devido às afinidades e à amizade. De fato, quando fecha as portas no fim de semana, o Alpendre vai à praia junto. ■

**"TESTEMUNHA-SE A VOLTA DE UM ESPÍRITO COLETIVO, EM QUE O ARTISTA VIABILIZA O SEU TRABALHO SEM ESPERAR O TÃO IDEALIZADO APOIO À PRODUÇÃO ARTÍSTICA"**